



ROMPENDO BARREIRAS ATITUDINAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS INCLUSIVAS DO IFS – CAMPUS ITABAIANA

CAMPOS, Rafaely Karolynne do Nascimento¹ - IFS

Grupo de Trabalho - Diversidade e Inclusão
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo relatar experiências vivenciadas durante as Oficinas “Promovendo Atitudes Inclusivas no Instituto Federal de Sergipe - Campus Itabaiana”, promovidas pelo Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas – NAPNE. As oficinas tiveram como principal objetivo possibilitar a reflexão sobre as atitudes inclusivas no sentido de conscientizar-se e aceitar as diferenças resultando em quebra de preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações, além de discutir estratégias que viabilizem a construção de uma escola que acolha e possibilite o acesso e a permanência de todos os alunos da instituição e sensibilizar os servidores quanto ao papel de cada um na construção de uma escola inclusiva. Através das vivências apresentadas, acreditamos que o processo que as Oficinas Inclusivas desencadearam dentro da instituição, provocando reflexões capazes de disseminar e manter uma cultura inclusiva em constante evolução foi a multiplicação das dinâmicas das oficinas entre os colegas, a mobilização dos servidores que participaram das oficinas, tais como revisão de acessibilidade arquitetônica, da acessibilidade na comunicação com o público e entre os servidores, na adoção de uma tecnologia de inclusão digital que contemple pessoas cegas, surdas, com mobilidade reduzida etc. Dentro de suas limitações, este relato sinaliza que para o sucesso do processo de inclusão do aluno com deficiência na escola são necessárias ações internas contundentes para alteração do comportamento dos participantes deste processo. Sendo assim, as oficinas serviram como ferramentas de autoavaliação, utilizada para medir a acessibilidade atitudinal de nosso Campus, provocando servidores quanto ao processo de inclusão da pessoa com deficiência no ambiente escolar.

Palavras-chave: Atitudes Inclusivas. Barreiras Atitudinais. Inclusão.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Pedagoga do Instituto Federal de Sergipe Representante do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas – NAPNE – Campus Itabaiana. E-mail: rafakarolynne@yahoo.br.

Introdução

Segundo a Organização Mundial de Saúde (Programa de Ação Mundial para as Pessoas com Deficiência, 1982), considera-se pessoa com deficiência aquela que apresenta, em caráter permanente, perdas ou reduções de sua estrutura ou função anatômica, fisiológica, psicológica ou mental, que gerem incapacidade para certas atividades, tendo-se em vista o padrão considerado normal para o ser humano.

Durante muito tempo as pessoas com necessidades especiais foram consideradas inválidas, defeituosas, incapazes, deficientes, portadoras de necessidades especiais e atualmente são chamadas pessoas com deficiência, conferindo à estas o “valor” de serem chamadas de pessoas.

Entretanto, conforme Sassaki (2003), o fato de serem reconhecidas como pessoas, não impediu as pessoas com deficiência de continuarem a enfrentar as várias formas de barreiras atitudinais, comunicacionais, de acessibilidade, entre outras, que dificultam e até mesmo, impedem, o ingresso e a permanência de pessoas com deficiências na escola. Conforme Sassaki (1997, p. 28), essas barreiras podem ser:

[...] a organização da escola, o prédio, o currículo, as políticas educacionais, as ferramentas de estudo, a dificuldade na comunicação interpessoal, a forma de ensinar dos professores e as barreiras atitudinais, que estão embutidas na mente das pessoas, envolvendo também o preconceito e a desinformação comuns na sociedade.

As barreiras atitudinais estão embutidas na mente das pessoas, envolvendo os preconceitos, os estigmas, os estereótipos e as discriminações presentes em uma sociedade, marcada pela presença histórica do preconceito e da exclusão.

“Não é a distinção física ou sensorial que determina a humanização ou desumanização do homem. Suas limitações ou ilimitações são determinadas social e historicamente” (BIANCHETTI e FREIRE, 2004, p. 66).

Corroborando com as ideias de Ainscow, Poter e Wang (1997), que a construção da Educação Inclusiva é um processo que se dar com a participação e o envolvimento de todos e respaldados no entendimento de que as barreiras atitudinais consolidam as demais, organizamos as Oficinas “Promovendo atitudes inclusivas no IFS - Campus Itabaiana”, que teve com público-alvo docentes e técnico-administrativos que lidam diretamente com estudantes.

As oficinas tiveram como objetivos possibilitar a reflexão sobre as atitudes inclusivas no sentido de conscientizar-se e aceitar as diferenças resultando em quebra de preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações, discutir estratégias que viabilizem a construção de uma escola que acolha e possibilite o acesso e a permanência de todos os alunos da instituição, além de sensibilizar os servidores quanto ao papel de cada um na construção de uma escola inclusiva.

IFS – Campus Itabaiana e NAPNE: Breve Histórico

Segundo o Ministério da Educação (2010), a história da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica começou em 1909, com a criação de 19 escolas de Aprendizizes e Artífices que, anos depois, deram origem aos Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica (CEFET). Já a Lei Federal 11.892, de 29 de dezembro de 2008, institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

O Instituto Federal de Sergipe, Campus Itabaiana, remonta sua recente história a partir da sua criação, através da Portaria do Ministério da Educação nº 4, de 06 de janeiro de 2009, porém só iniciou suas atividades em agosto de 2011.

De acordo com a política geral, o IFS é uma instituição que tem por objetivo ofertar educação profissional e tecnológica em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional.

Atualmente oferecem-se Cursos Técnicos de nível médio (modalidades integrada e subsequente) em Manutenção e Suporte em Informática, Agronegócio, além do Curso Superior de Tecnologia em Logística.

Dentro do organograma do Campus, temos o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas – NAPNE Campus Itabaiana, instituído mediante a Portaria nº 1.173 de 12 de junho de 2012. O NAPNE tem por missão promover a cultura da educação para a convivência, o respeito às diferenças e, principalmente, buscar a quebra de barreiras arquitetônicas, educacionais e atitudinais na instituição e no espaço social mais amplo, de forma a efetivar os princípios da educação inclusiva. Além de garantir a implementação de políticas de acesso, permanência e aprendizagem de pessoas com necessidades específicas e

estimular atitude de inclusão na comunidade interna e externa de modo que as pessoas, em seu percurso, adquiram conhecimentos profissionais e também uma formação humana pautada na ética, na solidariedade e no respeito às diferenças.

O Campus atualmente não possui alunos com necessidades específicas diagnosticadas. Entretanto, acreditamos que essa realidade poderá mudar com o ingresso de novos estudantes a cada semestre. Por isso, como o objetivo de propiciar vivências, despertar reflexões e sensibilizar servidores (docentes e técnico-administrativos) quanto ao seu papel na construção de uma escola inclusiva, desenvolvemos as Oficinas “Promovendo Atitudes Inclusivas no IFS- Campus Itabaiana”.

Desenvolvimento das Oficinas Inclusivas

As oficinas “Promovendo atitudes inclusivas no IFS - Campus Itabaiana” foram realizadas durante os meses de novembro de 2012 e fevereiro de 2013 e tiveram como principais abordagens as diferenças humanas, a inclusão da pessoa com deficiência na escola e a função de cada um no processo de inclusão social. Na metodologia, foram adotados estratégias de aprendizagem, tais como dinâmicas de grupo, exibição de filme, exposição e discussão sobre os temas acima citados.

As oficinas contaram com a participação de servidores administrativos e docentes. Através das diversas propostas metodológicas, percebemos nos participantes o interesse em saber o que é um ambiente de trabalho inclusivo e como construí-lo no cotidiano escolar. Nesse contexto, Pinho (2009, p. 15) afirma que:

[...] os profissionais da educação têm uma responsabilidade muito grande por serem responsáveis pelo começo da formação de outros profissionais, e para isso necessitam estar preparados, capacitados e sensibilizados ao tocante a inclusão e acessibilidade. Vencer o preconceito, aceitar o novo, ter empatia com o outro, isso fará com que nós, profissionais da educação sejam os mais humanos.

Ferramentas como autoavaliação, imagens, jogo de perguntas e respostas foram as atividades iniciais desenvolvidas nas oficinas, com o objetivo de verificar o conhecimento prévio dos participantes sobre deficiência e inclusão. Através destas ações percebemos os inúmeros mal-entendidos no uso dos termos, como por exemplo, “pessoa portadora de deficiência”, deficiência mental como uma doença, e não uma condição de ser, surdo-mudo, muitas pessoas surdas não falam porque não aprenderam a falar, o termo correto a usar é

surdo ou pessoa com deficiência auditiva, dentre outros.



Figura 1 – Servidores discutem estratégias com vistas à quebra de barreiras atitudinais.
Fonte: Arquivo Pessoal

Durante as oficinas foram exibidos vídeos relacionados ao tema inclusão, conforme Figura 2, e em seguida realizada reflexão sobre o que foi visto, compartilhando experiências, opinando e sugerindo alternativas com vistas à quebra de preconceitos e de barreiras atitudinais.



Figura 2 – Servidores assistem vídeos sobre Educação Inclusiva.
Fonte: Arquivo Pessoal

Diversas dinâmicas foram realizadas, dentre elas, podemos ressaltar a importância da Dinâmica Guia e Cego, conforme ilustramos na Figura 3. A dinâmica Guia e Cego, desenvolve-se da seguinte forma: o coordenador venda os olhos de todos os participantes. Os “cegos” devem caminhar pelo ambiente escolar desviando-se dos obstáculos durante determinado intervalo de tempo. Em seguida, a metade dos participantes deverão abrir os olhos para servir como guia, que conduzirá o cego por onde quiser. Depois de algum tempo, os guias iram vender os olhos e os cegos serão os guias.



Figura 3 – Servidores participam da Dinâmica “Guia e Cego”
Fonte: Arquivo Pessoal

Após as atividades elencadas foram feitos alguns questionamentos, tais como: Como vocês se sentiram sem poder enxergar? Tiveram medo? Por quê? De quê? Que acham da sorte dos cegos? Como vocês se sentiram nas mãos dos guias? Tiveram confiança ou desconfiança? Por quê? É preferível andar sozinho ou com um guia? Por quê? Além desses questionamentos, discutimos sobre as habilidades de pessoas com deficiência, em especial aos deficientes visuais.

Perguntamos aos servidores como eles se sentiram ao ficar com um dos membros ou sentidos sem função, não podendo ver o caminho a ser percorrido. Os participantes relataram suas experiências, os sentimentos que surgiram no decorrer da atividade, como por exemplo, medo, sensação de perigo, ansiedade, dentre outros. A partir das reflexões e compartilhamento

da experiência os participantes puderam vencer preconceitos e substituir sentimentos como medo, pena, raiva ou repulsa, por empatia, solidariedade e respeito. Além disso, expressaram a importância de dar sua contribuição social sempre que tiverem oportunidade de conviver com pessoas com deficiência.



Figura 4 – Servidores participam da Dinâmica “Guia e Cego”
Fonte: Arquivo Pessoal

Um dos principais problemas das pessoas com necessidades específicas é o fato de sensibilizarem-se com a forma como são vistas e tratadas pelas pessoas consideradas “normais”. Sentem-se vítimas de preconceitos e discriminações. Por isso, visando facilitar a convivência social da pessoa com deficiência na escola, desenvolvemos junto aos participantes sugestões práticas de como se comportar com pessoas cegas, pessoas que usam cadeiras de rodas, pessoas surdas, pessoas com deficiência mental, dentre outras.

Durante as atividades desenvolvidas os servidores demonstraram a necessidade de rever suas práticas, conhecer e aceitar os desafios, descobrindo e reinventando estratégias a fim de derrubar as barreiras atitudinais diante das pessoas com necessidades específicas. Sendo assim, alguns caminhos devem ser trilhados com a finalidade de contribuir para a quebra de preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações, construindo uma escola verdadeiramente inclusiva.

Conforme Pimenta (1997, p.58):

A continuidade de projetos como esse são necessários, para que possamos refletir, analisar e repensar nossas ações, pois “a formação de educadores na tendência reflexiva configura-se como uma política de valorização do desenvolvimento pessoal-profissional dos professores e das instituições escolares. (PIMENTA, 1997 p. 58)

Acreditamos que a educação inclusiva é um processo que deve acontecer com a participação e o envolvimento de todos, para isso faz-se necessário a formação profissional para a construção desse espaço escolar inclusivo. Em função dessas percepções, podemos perceber a necessidade de capacitações, como palestras, cursos de curta duração, oficinas, dentre outras, que sensibilizem os profissionais da educação na perspectiva de construção de uma escola inclusiva, uma escola para todos.

Considerações Finais

Acreditamos que o processo que a Oficina Inclusiva desencadeou dentro da instituição, provocando reflexões capazes de disseminar e manter uma cultura inclusiva em constante evolução foi a multiplicação das dinâmicas das oficinas entre seus colegas, a mobilização dos funcionários que participaram das oficinas, tais como revisão de acessibilidade arquitetônica, da acessibilidade na comunicação com o público e entre os funcionários, na adoção de uma tecnologia de inclusão digital que contemple pessoas cegas, surdas, com mobilidade reduzida etc.

Em suma, para o sucesso do processo de inclusão do aluno com deficiência na escola são necessárias ações internas contundentes para alteração do comportamento dos participantes deste processo. Sendo assim, a oficina serviu como uma ferramenta de autoavaliação, utilizada para medir a acessibilidade atitudinal de nosso Campus.

Neste sentido, acreditamos que ter atitudes inclusivas, como adotar práticas baseadas na valorização da diversidade humana, no respeito pelas diferenças individuais, viabiliza a construção de uma escola que acolhe e possibilita o acesso e a permanência de todos os alunos da instituição.

REFERÊNCIAS

AINSCOW, M.; PORTER, G.; WANG, M. **Caminhos para escolas inclusivas**. Lisboa: Instituto de Inovação Cultural, 1997.

BIANCHETTI, Lucidio e FREIRE, Ida Mara (orgs). **Um olhar sobre a diferença**: Interação, trabalho e cidadania. 6ª ed. São Paulo: Papirus, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. In. Revista de Educação. **O papel político social do professor**. Ano 26, n. 104, jul/set – 1997.

PINHO, Kelly Machado. **Sensibilização**: uma estratégia para formação continuada no IF-SC Campus Jaraguá do Sul. Cuiabá -MT, 2009. Trabalho de Conclusão Curso de Especialização Latu Senu em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva. Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso. Disponível: <http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/201007111045971kelly_machado_pinho.pdf> Acesso em: 10 de fevereiro de 2013.

SASSAKI, Romeu K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

_____. **Vida Independente**: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos. São Paulo: RNR, 2003.